

# COIMBRA

JORNAL DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE

ANO I

13 DE DEZEMBRO DE 1933

PREÇO 50 CENTAVOS

N.º 2

Redacção e Administração  
Associação Académica de Coimbra

Direcção e propriedade de  
Jorge de Moraes e António Cruz (editor)

Composto e Impresso na  
Casa Minerva — Coimbra

## Juizo crítico sobre uma mentalidade outonal

Perante a crise da Universidade, crise que os próprios catedráticos desassombradamente denunciam e à volta da qual tanto alarido se tem feito (como se o rei não soubesse que ia náu), fui levado naturalmente a pensar na mentalidade da juventude académica. Sob o impulso da minha análise e a incidência da minha atenção, agora mais cautelosas e demoradas, essa mentalidade revelou-me elementos de tal ordem delinhdados e irresolatos, que tive de concluir pela verificação de uma nova crise, que vem engrandecer o somatório das que existem já e cujas resoluções alligem penosamente a inquietação, a ansiedade e as exigências do pensamento contemporâneo.

A juventude académica de Coimbra, alheia aos problemas mais palpitantes do momento actual, consome e desperdiça a sua preciosa energia vital em movimentações concéntricas de infecundidade e labor inútil, esterilizador. O mundo moderno, cujos aspectos típicos e característicos têm provocado em espíritos cultíssimos interpretações dama sensível e impressionante originalidade, apresenta para ela os limites provincianos dama partida de foot-ball e o provincianismo insosso de certas sensualistas exhibições cinematográficas, como se a filosofia da vida, no seu visualismo ecuménico, pudesse redazir-se à estreiteza unilateral dama visão física e contemplativa.

O labor científico, a especulação filosófica, a investigação histórica e sociológica, a criação artística, nada ou quasi nada representam na sua escala reduzida de valores. E assim, como elementos representativos que são daquele *tipo-massa*, hoje dominante, os rapazes desta geração polarizam todo o potencial do seu conhecimento nos acanhados programas oficiais da especialidade científica.

Já lá vai o tempo em que as gerações académicas coimbrãs, sem despresarem as bizarras anedóticas, o chiste insólito e marcante, o espírito incisivo e gárrulo de espectralização caricatural, cultivavam ao mesmo tempo a sua alma, potencializavam a sua inteligência, imprimindo à vida um sabor dinâmico e construtivo.

Tudo mudou porém, sob a acção transfiguradora dam comodismo refastelado e pletórico, destruidor de energias criadoras, gerador impassível de ideologias e sentimentalidades superficiais. A actual geração académica, auscultado bem o ritmo arrastado da sua pulsação vital, enquadrar-se-há, com justeza, nos moldes psíquicos e culturais daquelas

épocas, que Ortega y Gasset denomina de *filosofia pacífica*.

Há valores na Academia, não tenho dúvida firmá-lo, mas de tal modo dispersos, de tal modo disseminados e solitários, que se perdem na vacuidade absorvente do panorama geral.

A geração a que pertencem não calca, segundo o meu critério, o caminho justo e honroso. Enquanto a sua cultura estiver dominada apenas pelo impulso e o interesse da respectiva especialidade, os frutos, que fôr colhendo, não podem satisfazer às exigências e á complexidade do pensamento moderno.

Não basta, para a realização efectiva dam universalismo cultural, a digestão intelectual de algumas folhas de sebenta. Urge aprofundar, ampliar a esfera do conhecimento humano, não na aquisição sistemática e passiva do próprio conhecimento, mas na medida em que este auxilia a inteligência analítica, dedativa e constrativa, nama palavra, a Inteligência eridadora, na visão filosófica da fenomenalidade cósmica. Aquilo que é um simples *meio* (e do qual os estatutos têm feito, em regra, uma instituição universitária) não pode nem deve nunca para, bem da cultura portuguesa, confundir-se com o próprio *fim*, redazir-se a uma finalidade, em si mesmo definitiva, em si mesma universalizante.

Nama época em que os estados mais civilizados e progressivos começam a esboçar e a definir reacções contra o poder e o unilateralismo da *especialização*, o cultivo exclusivo desta limita os horizontes da cultura intelectual e moral da juventude, contrariando o acentuado caracter universalista que à cultura imprimem, actualmente, as *élites* da inteligência europeia. Mais: o excessivo zelo dado em benefício do particularismo oficial da cultura universitária, essa castração intelectual voluntária na aquisição parcelar da *verdade parcelata* sem a febre heróica e sempre viva da ansiedade cognoscitiva do espírito humano, sendo simples *verbo de encher*, simples regabofe espectacular, é também a negação formal da concepção substantiva de cultura.

A Academia de Coimbra, salvo os espíritos de excepção, que os há, por mercê de Deus, vive pois actualmente em declive, em ocaso. E, embora, pareça contraditório e paradoxal, a verdade é que, sendo a mentalidade académica *formalmente* juvenil, a sua juventude, espiritualmente, não passa, o que é lamentável, — cá está o paradoxo! — dama *juventude outonal!*

LUIZ REGALA

# A VIDA DOS ESTUDANTES DE COIMBRA A ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA.

É nosso propósito fazer, numa série de artigos, algumas considerações acerca das agremiações académicas. E assim, entendemos, como não podia deixar de ser, começar por analisar a forma como, na Associação Académica, se manifesta a sua vitalidade.

Antes, porém, quizesmos ouvir o seu presidente, António Correia Ferrer, aluno do 4.º ano jurídico, que gentilmente acolheu a nossa intenção.

Eis as suas primeiras declarações:

— Não tenho necessidade de lhe dizer o que representa, para os estudantes de Coimbra, esta Associação Académica. A sua função de utilidade colectiva é inegável. E se é certo que só imperfeitamente se têm, até hoje, realizado as várias finalidades que constituem o seu fundamento, e sua razão de existir, — isso é devido, como compreende, á escassez dos recursos materiais da Associação, que mais reduzidos ficaram desde que o Estado suprimia o subsídio com que a auxiliava. Mas ainda que imperfeitamente, o certo é que, nestes últimos anos, a Associação Académica não tem abandonado nenhum dos fins que se propõe realizar, o que, de certo, é de fácil demonstração. Basta atender às inúmeras comodidades de ordem material que têm sido criadas ou melhoradas pelas mais recentes direcções. E' a sustentação dum restaurante, onde, a preços que, sem reclame, bem podem classificar-se de reduzidos, os académicos encontram uma alimentação por certo muito superior àquela que uma vida escolar não associativa lhes pode oferecer. E' o melhoramento geral de todo o edificio — salão nobre, salão de café, sala de bilhares, — que se traduz numa elevação paralela do nível das condições materiais dos associados. E' o incremento ultimamente tomado pela secção desportiva, revelado, além de tudo o mais, na construção dum balneário e na manutenção dum curso permanente de ginástica. São, enfim, todas as pequenas comodidades que os estudantes encontram na sua Associação, — e delas cumpre destacar a barbaria, criada no ano lectivo anterior — de que, porventura, até nem se aperceberem, porque elas existem, mas cuja falta sentiriam, se suprimidas fôsse.

Alguns projectos para este ano:

— No programa da actual Direcção figura, em primeiro lugar, o prosseguimento efectivo da finalidade cultural da Associação, que infelizmente, mercê de circunstancias inafastáveis, só muito imperfeitamente se realisa, no último ano. De resto, não nos permitem os nossos modestíssimos recursos materiais fazer, neste capital, coisa que não seja intensificar, ao máximo, a realização de conferencias e, dentro do possível, aumentar a redazida colecção de volumes da nossa Biblioteca.

E logo acrescenta:

— Mas se é certo que a Associação Académica desempenha uma verdadeira função de utilidade colectiva, — que segundo suponho, nenhum estudante deixa de compreender e apreciar, também é verdade que, nem por esse facto, os académicos, na sua grande esmagadora maioria, têm assimilado bem qual deva ser a sua atitude, respeitadamente á agremiação do que tantos benefícios colhem.

E assim, a Associação dos estudantes da Academia que pode computar-se em 4.000 individuos, teve, no ano lectivo findo, uns escassos 500 associados! E' que por um defeito evidente de raciocínio, o académico pensa que não tem necessidade de desembolsar a magra quantia que lhe exigem pela sua inserção na categoria de sócio ordinário da Associação, já que as vantagens que normalmente lhe adviriam da sua qualidade de associado, as pode também usufruir, conservando-se inactivo.

Depois, a concluir:

— No entretanto, não vê esse académico que não é, manifestamente, de boa moral a sua atitude. Com que direito se aproveitarão todos os estudantes dum beneficio, para cuja existencia só alguns efectivamente concorrerem? E, por outro lado, a que nível não poderia elevar-se a nossa Associação Académica, se tivesse um associado em cada um dos elementos da Academia?

E por considerar estas razões, resolveu a actual Direcção da A. Académica para terminar um estado de coisas, que realmente se apresentava de todo o ponto injusto: doravante, só aos associados serão facultados os beneficios criados e a criar pela Associação,

Nestes ultimos, não quero deixar de mencionar os descontos no custo dos bilhetes em todos os cinemas da cidade, que a Direcção está em vias de conseguir.

Que todos estes factos convençam os estudantes de que não devem, por mais tempo, conservar-se, em face da A. Académica, numa atitude de cômoda indiferença, — são os meus mais ardentes votos. Do muito que já está realizado, no campo associativo, bem pode inferir-se o que seria possível fazer-se, no dia em que a A. Académica contasse alguns milhares de sócios, em vez das mínguas centenas que a Academia ultimamente lhe tem oferecido.

JORGE DE MORAIS

## CENTRO REPUBLICANO ACADÉMICO

Na última assembleia geral desta colectividade, foram eleitos os seguintes corpos gerentes para 1934:

Direcção: José Ferreira Saraiva, Aurélio Mário Moreira de Azevedo Cruz, Manuel da Fonseca Alexandre, Jaime dos Anjos e Leandro Augusto dos Santos Lima

Assembleia geral: Horácio Cunha, Mário dos Santos Ganho e Luís Costa.

Conselho fiscal: Mário Armando Braga Temido, António Fortunato da Rocha Quaresma e José de Sousa Uva.

Comissão de propaganda: António Marinho Dias, Euclides Moreira Dias, Fernando Lopes Graça, Joaquim Gomes Veiga e Joaquim Seabra Diniz.

Saúdamos os colegas eleitos e retribuimos os cumprimentos que nos foram dirigidos.

**Estudantes!...**  
Inscrevei-vos como sócios da Associação Académica!

Só desta forma se tornarão indissolúveis os laços de solidariedade que unem todos os estudantes e usufruirá a nossa casa uma situação melhor!

## O DR. MONIZ

Um grupo de estudantes que caridosamente tomou a seu cargo garantir os meios de subsistência do Dr. Moniz, afim de reprimir o espectáculo degradante de o ver esmolar, pede-nos para informar de que, o dinheiro que elle afluere, não reverte a favor da sua alimentação.

## IMPRESSÕES

## RAPAZES HÁ MUITOS!...

Há pouco tempo — há um mês, se tanto — descia eu do elevador da Glória, em Lisboa, quando casualmente encontrei uma condiscípula da Politénica. Não nos víamos desde o dia em que haviam encerrado as aulas de 1930 e, talvez porque a nossa antiga convivência tivesse sido a mais franca e leal, quis o acaso que entrássemos em mútuas confidências.

Os minutos passaram. Ao acordarmos do sonho breve em que nos tínhamos deixado planar... eram cinco horas!

— Você para onde vai?

— Para o Grandela, às compras.

— Se mo permite acompanhá-la-ci.

— Com muito prazer...

—...são cinco horas. Tomaremos o nosso chá no salão dos Armazens...

— Ah! isso não, Zé Maria! O que diriam se me vissem, no Grandela, a tomar chá ao lado dum rapaz?!...

—...

\* \* \*

— Como está, Miss L...?

— Hello, Mr. Joseph!

— São cinco horas. Vamos ao Merrie Fryar's?

— Não! Hoje quero fazer-lhe uma surpresa. Vamos ver, primeiro, se encontramos Miss H...

Em breve, na vasta galeria do dancing, encontramos Miss H... e o seu inseparável Alec, muito loiro e muito sardento, chapando furiosamente um ice-cream.

— Hello, Alec, Good afternoon, Miss H...

— Good, afternoon, Mr. Joseph...

— Tanto frio e você a comer gelados!?

—...frio para si! Não é verdade, Miss L...?

— Talvez!... Lembre-se Alec que não nos devemos demorar. É melhor irmos já neste bus...

\* \* \*

A elegante saleta de Mistress L... era na verdade, muito mais cómoda e muito menos fria que o promenade da praia de Barry.

Enquanto Miss H. se entretinha a mostrar-nos a sua fantástica habilidade para desafinadora de pianos, sob o olhar condescendente e voluptuoso do sardento e loiro Alec, Miss L... aprimorava-se nos seus dotes de boa dona de casa, besantando de manteiga as trigueiras fatias de bôlo torrado e

olhando pelo aquecedor de água para o chá.

Despreocupadamente, enfiado num fofofissimo maple, eu saboreava um Tip-Top, dos últimos do meu fornecimento.

— Pronto, vamos ao chá! Não fica tam bom como queria mas... bebe-se!...

— Você é modesta, Miss L...

Tomámos chá e comemos bôlo torrado, entre frases bem humoradas e gargalhadas estridentes de Miss H..., acompanhadas uma oitava abaixo pelo seu ilustre e apaixonado compatriota.

Miss L... levantara-se e, agora, junto à porta da casa de jantar, empanhava vitoriosamente uma garrafa de... Old Port!

— A surpresa! A surpresa! Vinho do Porto em homenagem ao nosso amigo português!

— Que gentil, Miss L...! Para que quis maçar-se por mim?...

— Well! Well! Berrava o Alec.

— Boa ideia, Miss L... Guinchava Miss H... entusiasmada.

— Encontrei-a ontem na garrafeira e não quis que fosse aberta sem a presença de Mr. Joseph!

Fui eu quem abria a garrafa do Porto Velho e servia, em primeira dose, os quatro cálices.

Outras doses se seguiram...

\* \* \*

Gentilíssimas leitoras.

Há um mês, se tanto, encontrei, em Lisboa, uma antiga condiscípula minha. Eram cinco horas e convidei-a para tomar chá. Ela não aceitou porque...

—...o que diriam se me vissem...?!

Em Setembro, numa praia inglesa, encontrei uma rapariga que conhecia há uma semana, se tanto. Eram cinco horas e convidei-a para tomar chá. Ela não aceitou porque...

— quero fazer-lhe uma surpresa!

Pois essa rapariga, que só me conhecia há uma semana, se tanto, levou-me a sua casa, ofereceu-me chá e bôlo torrado e... numa amabilidade cativante, ofereceu-me vinho português, que também bebei, para que pudesse ser mais íntima a nossa reunião.

\* \* \*

Depois disto, gentilíssimas portuguesinhas de labios pintados e afectadamente idiotas, permiti-me um conselho: «Em vez de copiardes escandalosamente o figurino indecoroso de Paris, voltei a vossa atenção para a simplicidade e voluntariedade encantadoras das encantadoras loiras britânicas e mandai passear as idéias bolorentas das vossas Mamãs-nhas — que elas, coitadas não o fazem por, mal —».

De contrário... madarei de nacionalidade, concerteza. Não vos farei falta (rapazes há muitos!...). Única e simplesmente passarei o súbdito de S. M. Britânica em sinal de protesto pelo vosso prosaico idiotismo!...

Coimbra, Dezembro, 33.

ASSIS PACHECO

## ARNAUT FERREIRA

ENCADERNADOR

Pastas de luxo: Pastas de calf

Vendas de pastas e fitas para todas as Faculdades

RUA BORGES CARNEIRO, 5-7

# A omnipotência da nota

Conta-se — e não me repugna aceitar a veracidade da história — que um sábio fazia transportar os seus livros sobre o dorso ossudo dum burro. Ora aconteceu que, colocada a carga nos alforjes, a besta espinoteasse, caindo na lama um dos volumes, facto que no sábio acendeu tam vermelha cólera, que não poude o pobre animal evitar o duro contacto do chicote.

Limpo da sugidade, com o máximo carinho, ia o nosso homem colocar o livro, de novo, no alforje quando, ao ler o titulo, de súbito ajoelhou, agarrando-se fortemente ao pescôço do burro enquanto, de lágrimas nos olhos, exclamava:

— Perdoa, meu amigo, o castigo que insensatamente te dei.

E beijando o asnático focinho, repetia:

— Só tu compreendeste, as necessidades contidas nestas páginas!...

E imitou o gesto do burro, lançou o livro para a posseira.

Tratava-se duma tremenda diatribe ás teorias do homenzinho a quem faltava coragem ou talento para responder.

Tanto bastou para que o burro levasse o resto dos seus dias comendo e dormindo. A substituiu-lo, na fome e no trabalho, foi desde logo, aparelhado um outro, que não tivera a feliz sina de lançar á lama as páginas do antagonista.

\*  
\* \*

Ora sucede — que se não ofenda a memoria do burro com a comparação — que, por vezes, guindados a altíssimos pináculos intellectuais, certos individuos, mercê dum momento azado á sorte, em que converge o esforço medido ou a incomparavel potencia duma memória segura, sobre alicerces inabalaveis, constroem um edificio sumptuoso.

Em vão procuramos descobrir a faceta brilhante duma pedra preciosa a atestar o seu valor. Inicialmente... algum raio do sol que sobre ela incidiu emprestou-lhe reverberos que não possuia. O sol... sumiu-se... A pedra... ficou. Brilhou um momento. — Há momentos em que o livro cai do alforje... sobre a lama das estradas.

\*  
\* \*

Se é certo que é facil separar o trigo do joio, outrossim não acon-

tece com seleccionar o valor e a nulidade intellectuais.

Nem as aptidões mentais são trigo, nem a sua negação joio, nem a critica seleccionadora joieira infatível.

Porem, a necessidade impõe processos. Mormente em matéria de ensino — excluímos da nossa análise a incompreensivel seleção monetaria a que o ensino remunerado conduz — como não pode aprender-se o Tomismo sem conhecer Platão, é mister não dar a ler a Summa Theologica a quem, não soube ou não quiz abrir as páginas da «República».

Conduzir, ensinando, é mesmo fornecer luz aos olhos, mal despertos, da intelligência, gradualmente, para que possam sempre divisar horizontes mais vastos. Se a luz em demasia cega é obvio não dever aturdir-se com o clarão duma ciencia mais profunda a vista doente de quem é miope. Compreende-se, assim, o repouso... para cura — estacionamento necessário ao desaparecimento de... cataratas.

Daí — embora pareça deficiente a causa apontada — a seleção; forçando a parar ou impulsivando, segundo o diagnóstico, pois não vale a coxos transpor barreiras para que a queda não seja penosa. E como, a quem não tem pernas — embora aproveite os braços em improficuo labor — é impossivel caminhar, os que ficam na fenda encetada... não contam.

A arte clinica do pedagogo, está em saber, com a prudencia que os melindrosos órgãos da intelligencia requisitam, predispo-los a suportar, cada vez mais, a complexidade científica.

\*  
\* \*

Vem a propósito apreciar a valorização de valores, aferidor externo do intra-intelectualismo escolar.

No exame — salvo-conduto de subida á plataforma imediatamente superior — interrogado o aluno, da senha que consigo leva, ele responde mostrando capacidade receptiva do que aprendeu, por meio de acrobáticas demonstrações de memória ou sortes de raciocínio, até que a voz consoladora da deusa, lhe diga: — Passe.

Após várias cenas desta ordem dá entrada, de canudo na mão, numa ampla sala escurissima chamada «vida prática».

Procura orientar-se. Se tem boa vista, passado o tempo suficiente a uma acomodação ao escuro, con-

seguirá distinguir, progressivamente o caminho que pretendia.

Se não tem... embalde pode olhar atravez o canudo, tornado telescópio, pois éste, de lentes, só tem, quando muito a... assinatura.

Cada degrau da escadaria que aí o conduz, mede dez metros o suficiente para provar a amplitude duma passada. Se mais se estendem as pernas, significa isso que se caminha mais ligeiro ou se vai mais longe?

Devemos, como observadores que somos, levar em linha de conta a intensidade do impulso; os erros possíveis (voluntários ou involuntários) no cálculo da subida; um momento de felicidade; uma centelha de verbalismo que esprema a bolsa do ferrado, turvando as águas... em que caímos. E feitas as contas vejamos quantos sobem, nos impulsos estranhos e quantos ficam... por estranhos impulsos.

\*  
\* \*

Legalmente a indispensavel seleção faz-se por números e — é triste dizê-lo — também por algarismos, como uma bola que girasse sobre uma mesa de bilhar, o valor oscila entre as tabelas opostas 0 e 20. No meio encontra-se o *minimum* de satisfação. E, com esse *minimum* se satisfaz bastando sómente que lá se chegue!

Raciocinam assim: o cábula intelligente, o estúpido trabalhador e... a lei.

Selecionou-se num golpe. Mas, há quem agrade, encanto (!) prenda ou arrebate! A satisfação é mínima, máxima ou média. Mostrar conhecer-se o suficiente, mais que o suficiente, muito, muitissimo — e, mercê das qualidades pessoais, do trabalho, da exposição, do momento, da burra sorte ou do macho «azar» sobe-se ou desce-se, num teclado de variantes, valorizado.

Mas, de repente, um decreto de tendências nitidamente intellectualistas, estreitou o orifício por onde escorria grande quantidade de liquido jurídico — intellectualizado e, pretendendo evitar a inunção, apenas conseguiu atenuar o ímpeto.

Que o aluno de dez valores, agora, nos satisfizesse, compreendesse, se não fôsse exigida mais ciencia ao que só satisfaz com dize. Era uma simples questão aritmética. Mas que...

Faz-me lembrar a história do figo...! Eu conto:

Quando ganapo, fui surpreendido por meu pai, entusiásticamente

## Anoitecer de Agosto

Poz-se o sol entre núvens purpurinas,  
A noite cai a largas pinceladas...  
Chegam ranchos cantando desgarradas...  
Veem de moirejar pelas campinas.

Enxada ao ombro, alegres, descuidados,  
E a noite desce, desce mais e mais...  
Apressado, entra o gado nos currais...  
Canta o ralo incansável nos serrados.

Poisam-se alfaias. Dá-se a ceia ao gado,  
Enquanto que as mulheres põem na mesa  
O caldo fumegante, perfumado.

Nasce a lua a inundar tudo de luz...  
E ante o mais belo altar — a Natureza —  
Ajoelho como em frente de Jesus.

## Soneto azul

Soneto azul — da cõr suave e mansa  
do ceu azul que abrange a imensidade...  
— como os olhos azuis de uma criança  
onde se espelha toda a ingenuidade...

Soneto azul — da cõr do teu vestido  
que esconde as tuas formas com enlêvo...  
Da cõr da tinta — sonho diluído! —  
destes versos banais que hoje te escrevo...

Soneto azul — da cõr das ondas bravas  
que o mar arroja à praia, como escravas  
de um Sádico Rajá de Sthambul!

Soneto azul — sem ter finalidade  
— talvez da cõr do tédio ou da saudade  
— boneca fútil que eu vesti de azul!

LÍDIA MESQUITA

JOAQUIM VEIGA

pendurado num cigarro. Como  
comêço de correuvo espalmou  
fortemente a mão direita na minha  
cara e, pelas orelhas, levou-me a  
um recinto onde, ante a minha  
admiração e receio, amarrou um  
figo num cordel pendente do tecto,  
deixando o fruto suspenso à altura  
de um metro e sessenta. Depois  
disse-me:

— Olha, filho. Quando conse-  
guires comer o figo sem lhe toca-  
res com as mãos, colocando-te de  
pé, então pede dinheiro para fumar.  
Até lá... — F, em vez de  
dizer exemplificou repetindo a  
dose... em fim de correctivo.

De ano para ano fui crescendo  
e, rejubilava ao imaginar-me já de  
cigarro na bõca, quando, quasi ao  
tocar-lhe com os dentes (se esten-  
desse a lingua já fazia oscilar o  
figo)... desilusão! Meu Pai, ou  
porque crescêra rápidamente, ou  
por uma bem pensada medida  
económica e sanitária, ao pilhar-me  
em experiências... encurtou o  
barbante.

Se tivesse de comer o fruto para  
poder fumar, por certo nunca mor-  
reria de bronquite... Inda hoje  
lhe não chego, com a mão!

\* \*

Não mais se deverão temer os  
baldões da vida prática, não mais  
recear a luta, mas estremecer à  
ideia de que ao limpar das armas  
se pode cair fulminado. Abando-  
nando o critério seleccionador de  
quem mais directamente tem inte-  
rêsse em seleccionar, procura evi-  
tar-se que chegue a essa seleção  
quem no decorrer do seu curso  
para lá caminhou.

Não será o público quem faz o

advogado, segundo as suas natu-  
rais preferências, mas sim as Uni-  
versidades, ou melhor, a lei, ao  
apresentar na vida, não o mais  
forte para a luta, mas aquele que,  
mercê dum critério falível, *supõe*  
mais forte.

O professor não será o «amigo  
mais velho e mais sábio», que con-  
duz com carinho, que só reconhece  
esta finalidade do seu trabalho —  
conduzir! O professor é a lei,  
divulgando ciência sincronizada em  
discos, para reconhecer o ouvido  
do aluno. O ensino não será fim,  
mas meio de... seleção.

Mas...

... E a tremenda burocracia?  
A pródiga mangedoira do Estado?  
— Preguntar-se-há. E conselhei-  
ro Acácio, por certo, ficaria estu-  
pefacto, convencido, ao sentir o  
ferro rubro destas perguntas na  
chaga da sua lógica.

Porém...

Se se ensina para ordenar as  
inteligências, é certo que só as in-  
teligências ordenadas por êsse en-  
sino, devem distinguir-se. Mas essa  
distinção faz-se ao observar a ca-  
pacidade de progresso, não deixando,  
é lógico, ir mais longe quem sofre  
de reumatismo.

Mas essa seleção deve ser, tem  
de ser, inicial.

O que se não compreende é que  
no final duma estrada que leva  
onze anos a percorrer, sem que a  
autoridade nos importune, apareça  
um sinaleiro a indicar o comissa-  
riado... de desemprego, barrando  
qualquer outra direcção.

De resto de dez a dõze valõres,  
medeia a pequena distância duma  
resposta feliz; e dum dõze a um  
dez, a altura duma dôr de cabeça.

Se o critério que instituí o dez,  
monumento nacional que satisfaz  
as exigências de mestre e aluno,  
se êsse mesmo é falível; se a este  
professor satisfazem seis respos-  
tas, áquele doze; e quanto se não  
agrava a falibilidade, o nosso pro-  
gresso de seleção?

E' curioso notar que o professor  
diz: — satisfêz-me; e a lei respon-  
de: — para traz.

A actividade mental do aluno  
não é mercúrio que suba num tubo  
capilar, marcando com rigôr a  
altura a que chegou.

O cálculo é feito a ôlho e por  
vezes tam grosseiro que...

— Então, que fazes?

— Advogo. E tu?

— Nada!...

— Não fõste aluno distinto?!

Isto é frequente: ficamos a pen-  
sar que se enganaram os mestres...  
e até o jovem licenciado, ao vêr  
que a dura realidade lhe arrebatou  
a intelligência... conferida pela  
nota.

DAVID HOMEM CRISTO

## AVE-MARIA

*Eu vi-te passar um dia  
— Quantos anos já lá vão...  
E logo o meu coração  
Te gritou: Avê-Maria!*

*Senhora da minha Guia  
Vieste a ser, desde então,  
— Altar da minha oração  
— Fonte da minha alegria!*

*Oh minha amiga! Ninguém  
Como tu conheceu bem  
A tristeza em que eu vivia.*

*Mas Deus trouxe-te ao meu lado  
E hoje eu vivo enamorado  
Do teu nome — Avê-Maria!*

COIMBRA

Fernandes Martins

**Nova Leitaria Académica**

DE

**Joaquim Inácio**

Tel. 117 7, R. Larga, 9

**COIMBRA**



Para chás, noitadas, cafés,  
E outros bons bocadinhos:  
A Leitaria Académica  
Tem sempre licor's e vinhos...

**Farmacia do Castelo**

Telefone 183

**COIMBRA**

SECÇÃO CIRURGICA

**MOBILIARIO**

Mezas de operações, Mezas de pensos, Irrigadores de columna,  
Lavatórios, Armários para ferros, Estufas para ferros e Bancos rotativos

**INSTRUMENTOS DE CIRURGIA**

Depósito de material cirurgico importado directamente das principais  
fábricas de França e Alemanha. Sempre Novidades

**ELECTRICIDADE MEDICA**

Aparelhos de raio X, de diatermia, de raios ultra violetas,  
de raios infra vermelhos e Lampadas Solux

**MECANOTERAPIA**

Aparelhos da casa Rossel Schwarz & C.<sup>a</sup>

Preços de absoluta concorrência com as casas Lisboa e Porto

**Bolachas e Biscoitos**

DA

**NACIONAL**

A

**GRANDE MARCA PORTUGUESA**

# Material Cirúrgico e de Laboratório

**Instalação completa de Salas de Operações,  
Casas de Saúde, etc.  
Oficinas de Fabricação, Reparação e Niquelagem**

Representação exclusiva para Portugal e Colónias  
das maiores e mais acreditadas Casas de material cirúrgico,  
de laboratório e de aparelhos de electricidade médica

Cistoscópios, Uretrocópios  
e Rectoscópios

**George Wolf**

Vidraria insensível às mudanças  
de temperatura

**P y r e x**

Instrumentos e aparelhos de óptica, Microscópios,  
Polarímetros, Lunetas astronómicas,  
Microscópios para trabalhos escolares

**C. Zeiss-Jena**

**R. Winkel-Zeiss**

Aparelhos de Raios Ultra-Violetas  
Sol artificial de altitude

**Quarzlampen-Gesellschaft**

**Hanau**

Material de Laboratório  
e Aparelhos de esterilização

**F. & M. Lautenschläger**

**G. M. B. H.**

Aparelhos de Raios X — Diatermia — Electricidade Médica

**Electricitäts Gesellschaft "SANITAS,"-Berlim**

PEDIR ORÇAMENTOS

Instituto Pasteur de Lisboa

LISBOA--R. Nova do Almada, 71

PORTO--R. dos Clérigos, 36

**Secção de Coimbra --- Rua Ferreira Borges, 15**

# DESPORTOS Retalhos

## Ainda o último Académica-União

Acêrca dêste encontro que tanta celeuma levantou, expuz a minha maneira de pensar, narrei o que vi e fiz as minhas considerações. Alguém que se sentiu atingido, veio à estacada, pretendendo desfazer aquilo que eu afirmara

Não escrevi o meu artigo na intenção de sustentar uma polémica. Dei a minha opinião não faltando à verdade e por isso me senti e sinto satisfeito.

Mas o sr. Tip-Top, da *Gazeta de Coimbra*, entendeu por bem responder-me.

Fê-lo duma maneira educada, como educado aquêle senhor costuma ser e por isso não quero deixar de lhe dar uma resposta também.

Diz sua Ex.<sup>a</sup>, depois de fazer a minha apresentação, narrando quasi a minha biografia, que eu devo estar habituado a lidar com «jogadores, árbitros, dirigentes e público». Isso é verdade sr. Tip-Top, mas devo acrescentar mais, que também estou habituado a lidar com certos jornalistas desportivos... E por os conhecer, por saber como êles sabem torcer os factos à sua feição, é que eu entendi por bem narrar o que tinha visto.

Eu não quiz atingir a *Gazeta* nem o seu colaborador em especial. Dirigi-me duma maneira geral a todos os que deturpam factos, sobretudo quando a Associação Académica tem a infelicidade de estar em foco.

Quanto aos factos passados, o sr. Tip-Top continua na sua e eu continuo na minha. Mas devo iludá-lo de que o que se passou na Arregaça, não foi tão simples como pela sua crónica se antevê. Não houve apenas a agressão ao árbitro por parte dum jogador.

Houve sim um grupo insubordinado, que se opoz à marcação duma penalidade, duma forma incorrecta.

Perante isto, para que éra necessária a policia? Só se fôsse para expulsar todo o grupo. «Porque embora os regulamentos não prevejam a entrada de policia no campo», ainda admito que se recorra a ela quando há um jogador indisciplinado. Mas quando é um grupo, o árbitro só tem um caminho a seguir: terminar o jogo. Nunca fui à Alemanha nem à Argentina ver foot-ball, mas supponho que lá, os bons árbitros, também assim fazem. Cá em Coimbra, posso eu garantir ao sr. Tip-Top que é assim. E árbitros do União já eu vi por mais de uma vez pro-

ceder desta forma, sem que um único jornal protestasse.

Quanto à pergunta que o sr. Tip-Top me faz, se eu nunca vi os jogadores académicos excederem em atitudes agressivas os unionistas, devo dizer-lhe que não. Nunca vi e posso mesmo garantir-lhe que nunca foi necessária a policia para expulsar do campo um jogador da Associação Académica.

Sôbre as acusações que faz à A. F. C., já os directores daquela entidade deram a sua resposta na A. G. achando portanto desnecessário repisar mais o assunto.

Julgo ter abordado os principais pontos. Posto isto, só tenho a dizer mais ao sr. Tip-Top que já meditei no que escreveu, conforme me pede e fiquei na mesma, isto é:

Não modifiquei a minha maneira de pensar.

E para terminar, duas palavras de amigo para o sr. Tip-Top, ditas com a maior sinceridade. Apresento-lhe os meus sentimentos por «nutrir o desejo de bem servir o bom senso e o Desporto». Triste desejo, árdua tarefa e pesada cruz que receio bem não consiga levar ao calvário.

A. SAMPAIO

## Curso Médico de 1932-33

A Direcção da Associação Académica acaba de receber uma proposta do Instituto Pasteur de Lisboa para o sorteio de um Prémio Escolar anual, substituído pelo mesmo Instituto e que consiste no mobiliário completo de um consultório médico-cirúrgico.

Ficam, pois, avisados, por este meio, os ex.<sup>mos</sup> Médicos, formados no ano lectivo de 1933, de que o referido Prémio, que se encontra exposto em uma das Salas da Direcção, desde o dia 12, será sorteado no próximo dia 18 do corrente, pelas 21 horas, no Salão Nobre da A. A., pedindo-se a comparência dos interessados.

Ao Instituto Pasteur de Lisboa, apresenta a Direcção da A. A. os seus agradecimentos, por ter sido escolhida para proceder ao sorteio referido e vivas felicitações pelo Prémio instituído, que muito honra a Indústria Nacional, correspondendo ao bom nome que essa Casa soube criar e manter desde fins do século passado.

As condições do sorteio encontram-se patentes no Salão de Café da A. A., acompanhadas de uma fotografia do mobiliário oferecido.

O Sr. Doutor Adelino Vieira de Campos, vem de publicar, nas colunas da *Gazeta de Coimbra*, uma série de brilhantes artigos sobre a inadivél e, porisso, urgente necessidade de se ampliarem as instalações da Faculdade de Medicina da nossa Universidade, que são mais que deficientes — pois são péssimas.

Não se pode negar oportunidade, a tal campanha. Oxalá ela logre conquistar adeptos, de forma que o problema seja solucionado, como é mister.

Numa terra onde, parece, tanta coisa se faz, — também é justo que se consiga boas instalações para os estabelecimentos de ensino...

Mr. Jean Plattard, Professor da Universidade de Poitiers, fez duas conferencias, no salão nobre da Faculdade de Letras, a semana passada, analisando essa grande figura que foi Montaigne.

A ouvi-lo, juntaram-se algumas dezenas de professores e alunos da nossa Universidade. Pode-se classificar de selecta, essa assistencia. Mas não foi ela numerosa. E antes assim. Pouco — e bom. Ao menos, a ouvir Mr. Jean Plattard, — havia apenas pessoas que o compreendiam!

Sai hoje o segundo numero do «Coimbra».

Apesar dos vaticínios de muitos, este jornal, que é dos estudantes da Universidade, continua a publicar-se. E vamos fazer todos os esforços para que ele passe a sair semanalmente, após as férias do Natal.

E' que há, ao nosso lado, um grupo de boas-vontades, que não nos faltam com incitamentos e com auxilios de vária ordem. Assim, a vida do «Coimbra» está assegurada. De resto, seria bastante de lamentar que se verificasse o contrário. Pois é bom não esquecer que ainda há, em Coimbra, — estudantes da Universidade.

## DR.<sup>a</sup> ALFREDINA DO CARMO PIRES

A fim de passar junto dos seus as Festas do Natal e Ano Bom, partia no último sábado para Mirandela a sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> D. Alfredina do Carmo Pires.

Coimbra deseja-lhe muitas felicidades.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura